

Jerri Antonio Langaro<sup>1</sup>

O objetivo deste estudo<sup>2</sup> é analisar as obras *Memorial de Maria Moura* (1992) e *Dôra, Doralina* (1975), de Rachel de Queiroz (1910-2003), a partir de uma perspectiva mítico-sociológica, com o intuito de discutir a questão do incesto, presente no eixo narrativo dos romances.

Fato marcante na obra *Dôra, Doralina* é o caso de incesto, envolvendo Laurindo, o primeiro marido, e Senhora, mãe de Dôra, a protagonista e narradora do romance. Órfã de pai, Dôra, desde menina, mantém um relacionamento conflituoso com sua mãe, tema recorrente ao longo de toda a narrativa. O ápice desse conflito se dá após o casamento de Dôra com Laurindo, quando ela descobre que seu esposo havia se tornado amante de Senhora.

De repente se ouviu um som abafado, um som de voz, no quarto defronte – que era o quarto de Senhora, pegado à sala. E escutei a fala dela (que nunca na vida tinha conseguido falar baixinho), sim era a fala dela: – Vá embora! E depois a voz de Laurindo, protestando: – Ela [Dôra] tomou o remédio. Não tem jeito de acordar.<sup>3</sup>

Senhora, ao se tornar amante do genro, além de subverter a ordem estabelecida, comete incesto moral. A relação entre sogra e genro, presente no romance, era tida como causa de aversão em vários povos indígenas. Uma destas aversões está presente na tribo dos índios Bororo, que habitou o território compreendido entre o Vale do Alto Paraguai até além do Vale do Araguaia.

## diferentes narrativas, razões similares

Uma característica fundamental da cultura dos Bororo residia na organização familiar. A tribo era dividida em duas metades, subdivididas em clãs. Os índios que viviam numa metade se casavam somente com mulheres pertencentes à outra. Quando se casavam, os homens da tribo transmigravam para a metade oposta àquela em que nasceram e foram criados, passando a viver junto da esposa, no clã ao qual ela pertencia. Neste, a sogra passava a ser vista pelo Bororo como uma espécie de mãe, ao mesmo tempo em que as cunhadas passavam a ser tratadas como se fossem suas irmãs. Conseqüentemente, a evitação, não somente da sogra, como também de todas as parentas maternas da parceira, era tida como uma das principais normas de conduta moral dentro do clã. Essa norma deveria ser seguida à risca por todo índio da tribo, sob pena de punição. Claude Lévi-Strauss salienta acerca dessa rígida delimitação de contatos entre os Bororo:

Essa parece ter sido também a situação dos Bororo no início da evangelização, como atesta uma passagem importante do primeiro livro de Colbacchini: É absolutamente proibido aos homens de uma dynastia [= metade] falarem, rirem ou somente repararem, ou olharem as mulheres de outra dynastia. É isso observado meticolosa e escrupulosamente.<sup>4</sup>

A instituição dessa evitação do marido em relação às parentas maternas de sua esposa tinha por finalidade evitar um incesto. Apesar do romance *Dôra, Doralina* não se ater à estrutura familiar dos Bororo, ele ficcionaliza o incesto entre sogra e genro, tão abominado por tais índios.

Na obra em análise, o adultério incestuoso acentua ainda mais os conflitos entre Dôra e sua mãe, embora ela não lhe tenha revelado o flagrante. Dôra e Senhora protagonizam o clássico conflito freudiano. Segundo o conceito do *complexo de Electra* formulado por Freud, a filha, em uma das fases iniciais de sua vida, se apaixonaria pelo próprio pai, vindo na mãe sua maior rival. Essa relação conflituosa envolvendo mãe e filha é ainda evidente na fase adulta de Dôra.

Eu tive vontade de dizer: ‘O seu mal é um só: foi eu ter nascido; e, depois de nascer, me criar’. Mas tive medo. Por esse tempo eu já tinha deixado de chamar Senhora de ‘mamãe’. Ainda não tomara coragem para dizer ‘Senhora’ como nome próprio, na vista dela – dizia ‘a senhora’, o que era diferente. Mas de mãe não a chamava.<sup>5</sup>

Em *Totem e tabu*, Sigmund Freud aborda, com mais precisão, a polêmica que envolve as relações incestuosas. Ao estudar as tribos aborígenes que habitaram a Austrália, ele destaca que os laços sanguíneos destas eram substituídos por laços totêmicos, ou seja, simbólicos. O totemismo consistia na escolha de um animal para nomear o clã, sendo considerado o antepassado comum deste. Mesmo com a adoção do totemismo, não houve, em tais tribos, a liberação do incesto, pois, em alguns casos, ocorreu a punição com a morte de seus praticantes.

Ao analisar o incesto cometido entre sogra e genro, Freud chama a atenção para as formas de precaução deste, notáveis entre diversos aborígenes e em diferentes continentes:

A evitação mais difundida e rigorosa (e a mais interessante, do ponto de vista das raças civilizadas) é a que impede relações de um homem com a sogra. É bastante generalizada na Austrália e estende-se também à Melanésia, Polinésia, e às raças negras da África, onde quer que traços de totemismo e do sistema classificatório de parentesco sejam encontrados e provavelmente mais além ainda.<sup>6</sup>

No romance em questão, a relação vivenciada por Senhora e Laurindo aponta para a temática discutida por Freud. De acordo com o estudioso, os vestígios da imemorial evitação da sogra ainda permanecem na sociedade contemporânea, principalmente na idéia difundida pelo imaginário popular segundo a qual ela seria, para o seu genro, um integrante desagradável na família. O genro, então, passaria a repelir sua sogra para esquivar-se da sua suposta prepotência, recriando a evitação.

Em *Dôra, Doralina*, o incesto vincula-se a razões econômicas. Laurindo trai Dôra e se torna amante da mãe dela porque, conforme sugere a voz popular – representada pelos moradores da cidade próxima à fazenda Soledade, de propriedade de Senhora – ele sempre se interessou mais pela mãe que pela filha. No entanto, Laurindo teria se casado com Dôra apenas por uma questão de conveniência financeira:

Tinha gente nas Aroeiras que até fez aposta como casava a velha e não a moça. (...) Mas o tabelião, aquele Esmerino, tinha dito ali mesmo no balcão da farmácia que cobria a aposta: Laurindo casava com a moça: – Não vê que casando com a viúva ele só pega metade da meação dela, porque a outra metade é a herança da filha?<sup>7</sup>

Caso Laurindo optasse por se casar com Senhora, ele passaria a administrar a fazenda, legitimado pelos padrões de comportamento, ainda demarcados pelos sexos, na sociedade cearense da primeira metade do século XX. Entretanto, Laurindo administraria apenas parte do patrimônio, pois metade da propriedade pertencia a Dôra devido à herança legada por seu pai.

Em sintonia com o que sugere a voz popular, Laurindo, a fim de evitar esse desfavorecimento, optou em se casar com Dôra, pois com o falecimento da mãe, ela, que já detinha metade das terras, herdaria toda a propriedade. Contudo, seu esposo, valendo-se da condição masculina, é que passaria a administrar o patrimônio.

Este exemplo evidencia a conjuntura de uma sociedade machista, que ainda conserva resquícios do modelo patriarcal, o qual perdurou, no Brasil, até o início do século XX. Embora a trama que envolve *Dôra, Doralina* transcorra na primeira metade do século XX, é possível observar como os vestígios herdados da ideologia patriarcal ainda permanecem na sociedade da época, especialmente no universo sertanejo, ao qual a obra se reporta.

Na obra *Memorial de Maria Moura*, o foco narrativo é direcionado para Maria Moura que, a exemplo de Dôra, também é órfã de pai. Aos dezessete anos, Moura perde a mãe, assassinada, provavelmente, por Liberato. Este, além de ser o amante da mãe, seduz a filha. Ao se deixar seduzir pelo padrasto, Maria Moura protagoniza outro caso de incesto:

Bem, a noite escura é traidora. Como é que Mãe dizia para afastar a tentação? ‘Valha-me a Virgem Puríssima!’ Mas a Virgem Puríssima não me valeu. Afinal, ele [Liberato] era um homem bonito; devia ser mais novo do que Mãe. Sempre no escuro, nunca de dia – isso era ele. (...) E eu só sei que nem cheguei bem a ter remorso, parecia tudo até natural.<sup>8</sup>

A estudiosa Maria de Lourdes Dias Leite Barbosa, ao analisar o perfil de Maria Moura, pondera que sua situação “assemelha-se à de Senhora, do romance *Dôra, Doralina*, apenas os papéis foram invertidos: ao invés da mãe que mantém um relacionamento com o marido da filha, aqui é a filha que divide o leito (o mesmo que fora de sua mãe) com o ‘padrasto’”.<sup>9</sup>

Apesar da inversão de papéis frisada por Barbosa, o motivo do incesto é semelhante nas duas obras em análise. Partindo da perspectiva de Maria Moura, que narra, no *Memorial*, o relacionamento com o padrasto, percebe-se que, de maneira similar ao que ocorreu em *Dôra, Doralina*, aqui também as razões econômicas subjazem à relação incestuosa mantida por Liberato. Por meio da narração da protagonista, é possível depreender que Liberato se aproximou de Maria Moura apenas para se apossar de suas terras, visto ser ela a herdeira legítima do sítio do Limoeiro, em virtude da morte da mãe. Isso porque Liberato nunca se casou legalmente com sua amante.

Certa noite, ele [Liberato] chegou trazendo um papel enrolado, que era para eu assinar. Explicou com poucas palavras que, sendo eu de menor idade, não ia ser capaz de tomar conta da herança de Mãe. (...) Pois no que eu me neguei a assinar a tal procuração, que é que ele fez? Começou a me ameaçar encoberto. Dizia – Quando uma pessoa se mata, sempre haverá um motivo... Tua mãe, teria um motivo?<sup>10</sup>

Se, em *Dôra, Doralina*, observa-se os resquícios da sociedade patriarcal – que, inclusive, subjazem ao adultério incestuoso –, em *Memorial de Maria Moura*, a ideologia peculiar a esse tipo de sociedade é ainda mais marcante, uma vez que o romance é ambientado no sertão nordestino do século XIX. De forma análoga ao que ocorreu em *Dôra, Doralina*, percebe-se como a sociedade à qual o *Memorial* se reporta privilegia o homem nas relações de poder. De maneira similar a Laurindo, Liberato também tenciona valer-se da condição masculina para dirigir a propriedade da enteada, legitimado pelos rígidos padrões de comportamento demarcados pelos sexos na estrutura patriarcal-agrária.

No universo patriarcal que envolve Maria Moura, cabe ao homem a frente de comando das organizações, estando a mulher limitada ao ambiente “sagrado” do lar. Tal fato é evidenciado na fala de Moura, quando ela declara que, segundo o padrasto, sua mãe “só de teimosia, não concordou em casar com ele e lhe passar a propriedade”.<sup>11</sup> Ao se casar de “papel passado” com Liberato, a mãe de Maria Moura entregaria a ele a administração legal de suas terras, sobre as quais a viuvez concedera plenos poderes. Situação similar à de Senhora em *Dôra, Doralina*. Na eventualidade de casar-se novamente, Senhora também perderia a autonomia na administração legal de seu engenho que lhe foi conferida, apenas, pelo luto de viúva.

Gilberto Freyre explicita, em *Casa-grande & Senzala*, as condutas pertinentes à sociedade patriarcal, principalmente no que se refere às relações estabelecidas entre os gêneros.

Resultado da ação persistente desse sadismo, de conquistador sobre conquistado, de senhor sobre escravo, parece-nos o fato, ligado naturalmente à circunstância econômica da nossa formação patriarcal, da mulher ser tantas vezes no Brasil vítima inerme do domínio ou do abuso do homem; criatura reprimida sexual e socialmente dentro da sombra do pai ou do marido.<sup>12</sup>

A sociedade patriarcal sustenta a repressão feminina e a dependência da mulher em relação ao homem. É a ideologia ligada à *circunstância econômica da formação patriarcal*, tal qual explana Freyre, que subjaz à relação incestuosa mantida entre Liberato e sua enteada, em *Memorial de Maria Moura*. Ao se atentar para a abordagem de Freyre, pode-se perceber, também, como a herança deixada por tal ideologia se faz presente nas razões que motivaram Laurindo a protagonizar um incesto com sua sogra em *Dôra, Doralina*.

Na sociedade contemporânea, as relações incestuosas são, ainda, consideradas um tabu. Atualmente, o incesto é muito combatido, embora a punição dele decorrente não seja mais tão enérgica, se comparada a de alguns povos primitivos que, em determinados casos, penalizavam os praticantes de um incesto com a morte. O espanto ocasionado por uma relação incestuosa, mesmo que ficcionalizada pela literatura, evidencia esse caráter polêmico inerente ao incesto.

A subversão da ordem é a maior problemática conseqüente de um envolvimento incestuoso. Caso o relacionamento resulte em um filho, este desencadeará uma série de incertezas quanto ao seu parentesco, além de ocasionar dúvidas, também, no parentesco de seus genitores em relação a ele.

Se o tabu do incesto não fosse difundido, a incerteza do grau de parentesco entre os indivíduos abalaria os alicerces da estrutura familiar, cerne da organização social. O enfraquecimento sanguíneo das gerações também justifica a permanência desse tabu na sociedade atual. Da relação entre parentes muito próximos não se originam indivíduos biologicamente saudáveis e a perpetuação da espécie estaria à sombra de uma ameaça caso os envolvimento incestuosos não fossem proibidos. Devido a tais fatores, o incesto foi combatido com maior ênfase a partir do cristianismo, na população dita branca.

Ao se analisar as obras *Dôra, Doralina* e *Memorial de Maria Moura*, constata-se a ocorrência de relações incestuosas em ambas as narrativas. Apesar da inversão de papéis entre os envolvidos, percebe-se que, nas duas obras, são as razões econômicas, ditadas por uma sociedade machista e conservadora, que motivam a consumação do incesto.

## Notas

<sup>1</sup> Mestrando em Letras pela Unioeste e orientando da Profa. Dra. Rita Felix Fortes.

<sup>2</sup> O presente artigo será a base inicial de um dos capítulos de dissertação a ser desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Mestrado, com área de concentração em *Linguagem e Sociedade*, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

<sup>3</sup> QUEIROZ, Rachel de. *Dôra, Doralina*. 19. ed. São Paulo: Siciliano, 2001, p. 53.

<sup>4</sup> LEVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 92.

<sup>5</sup> *Idem*, p. 16.

<sup>6</sup> FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. Trad. Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1999, p. 22.

<sup>7</sup> P. 26.

<sup>8</sup> QUEIROZ, Rachel de. *Memorial de Maria Moura*. 13. ed. São Paulo: Siciliano, 2001, p. 20-21.

<sup>9</sup> BARBOSA, Maria de Lourdes Dias Leite. *Protagonistas de Rachel de Queiroz: caminhos e descaminhos*. Campinas: Pontes, 1999, p. 30.

<sup>10</sup> *Idem*, p. 21-3.

<sup>11</sup> *Idem*, p. 21.

<sup>12</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984, p. 51.